

Sinha Vitória e os desafios de uma mulher nordestina

Maria Margarete Souza Campos Costa*
Sandra Maria Pereira do Sacramento**

Resumo: Nesta análise focalizamos a decadência da ordem masculinista no romance *Vidas secas* (1938), marcada pela dificuldade de enunciação da personagem Fabiano. Traçamos, também, um perfil da mulher nordestina a partir da personagem sinhá Vitória e das estratégias utilizadas por ela para sobreviver à opressão e à condição de miséria a que estava submetida com a família. Além disso, ressaltamos a desconstrução, no que se refere às relações de gênero, anunciada pela referida personagem feminina, resultante da sua competência discursiva. Tal competência permite a ela ser a porta-voz do seu grupo familiar, apesar de viver numa conjuntura social predominantemente falocêntrica.

Palavras-chave: Competência discursiva. Gênero. Sinhá Vitória. *Vidas secas*.

Introdução

As narrativas de ficção permitem repensar as construções discursivas e revelam inúmeras possibilidades de se mergulhar em histórias, que são fragmentos da existência de pessoas comuns. Para Santaella (1995), “as obras são resultados de um trabalho que incide sobre os signos, sobre a linguagem na sua capacidade de representar, criar ou radicalmente transformar em

* Mestra em Letras: Linguagens e Representações – Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) – Ilhéus – Bahia – guetecampos@hotmail.com

** Doutora em Letras (Letras Vernáculas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2000). Professora titular em Teoria Literária, na Universidade Estadual de Santa Cruz, em Ilhéus; coordenadora do PPGL Linguagens e Representações. E-mail: sandramsacra@uesc.br

cada patamar histórico, o que os homens concebem como realidade” (SANTAELLA, 1995, p. 22). Sendo assim, essas narrativas expressam aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos, fazendo emergir questionamentos referentes às margens, a oprimidos e opressores, instituindo campos de luta que trazem à luz discussões capazes de abalar concepções tradicionais e há muito arraigadas. Segundo Hutcheon (1991), “a ficção e a história são discursos, que ambas constituem sistemas de significação pelos quais damos sentido ao passado” (HUTCHEON, 1991, p. 122).

Desse modo, entendemos as narrativas literárias como expressão do imaginário social de determinado contexto histórico, traduzindo-se em importantes recursos para se evocar as experiências do viver, sobretudo, como intersecções entre o sujeito e a realidade, e possibilitando o olhar crítico, capaz de desconstruir paradigmas firmados como verdades, não obstante, dissonantes das especificidades que permeiam o corpo social. Na primeira parte desse artigo discutimos a decadência da ordem masculinista no romance *Vidas secas* a partir da personagem Fabiano. Na segunda analisamos a dimensão do sonho e a capacidade discursiva da personagem feminina, que pela enunciação consolida-se como voz transgressora dos valores hegemônicos. Nessa perspectiva, verifica-se em *Vidas secas* (1938), de Graciliano Ramos, a configuração de elementos históricos, sociais e políticos, marcadamente nordestinos, que se inscrevem nas relações entre os gêneros e na representação da mulher.

Analisamos a competência discursiva da referida personagem enquanto mecanismo de subversão da ordem masculinista, bem como um questionamento às representações atribuídas ao sujeito mulher pela cultura logofonofalocêntrica ocidental. Pretendeu-se, ainda, nesta análise, destacar questões

*Maria
Margarete
Souza
Campos
Costa*

*Sandra
Maria
Pereira do
Sacramento*

62

referentes à construção do conceito de gênero ao longo da história, e, as formas com as quais este tem sido reiterado nas práticas sociais, o que nos permitiu chegar a conclusões sobre o modo como as mulheres desde sempre enfrentaram as demandas geradas pela opressão e ao mesmo tempo desenvolveram estratégias de resistência, ainda que silenciadas e confinadas ao espaço doméstico. A personagem Sinhá Vitória, por meio desses mesmos dispositivos, conseguiu subverter a ordem vigente, tendo em vista a conjuntura cultural na qual estava inserida, caracterizada pela dominação masculina nas primeiras décadas do século XX, na região Nordeste do Brasil.

As relações entre os sexos, nas diferentes sociedades, evidenciam, sobretudo, dicotomias no exercício dos papéis sociais, pautados, predominantemente, a partir de um ponto de vista misógino, pelo qual o masculino exerce domínio sobre o feminino, e/ou outras categorias a ele relacionadas. Os discursos construídos sobre a atuação dos sujeitos nas sociedades ocidentais fundamentaram-se em conceitos naturalistas e universalistas; estes inscreveram nos corpos uma identidade fixa, incapaz de dar conta das heterogeneidades e variabilidades dos gêneros. Apesar da capacidade de resistência daqueles que estavam subjugados aos referidos discursos, observa-se a permanência desses paradigmas totalizantes ainda na contemporaneidade. Tal perspectiva exige uma reavaliação do processo histórico. Da mesma forma, necessita de novos olhares capazes de contemplar as minorias em suas diferenças. Assim será possível discutir as dificuldades e identificar as configurações dessas práticas desiguais, consolidadas através de uma pseudo-igualdade, mesmo após as transformações resultantes das lutas das mulheres que influenciaram, sobretudo, tantos outros grupos minoritários na conquista de seus espaços sociais.

1 *Vidas Secas* e a decadência da ordem masculinista

A ficção de Graciliano Ramos destaca-se no cenário literário, sobretudo, pelo caráter de denúncia acerca das desigualdades nas relações sociais, principalmente no que se refere à exploração do trabalho humano pela sociedade capitalista. Além disso, a sua capacidade de descrever fotograficamente, com extremada objetividade, o ambiente, as personagens, as mazelas sociais, fatos e realidades prenhes de sordidez, marca a sua escrita. Esses traços fazem da sua obra um relato original e contundente, a ponto de destacá-lo de seus contemporâneos regionalistas, fazendo com que este seja considerado um dos principais expoentes do “romance de 30” no Brasil. Com a sua obra, o referido autor contribuiu para dar visibilidade à literatura regional do Nordeste, bem como ao próprio Nordeste, fazendo uma representação fiel da sua realidade. Conforme aponta Antonio Cândido sobre a literatura regional da geração de 30: “Foi como se a literatura tivesse desenvolvido para o leitor uma visão renovada, não convencional, do seu país, visto como um conjunto diversificado, mas solidário” (CÂNDIDO, 1984, p. 30).

O texto de Graciliano apresenta linguagem simples e enxuta de recursos linguísticos, mas inclui as marcas da oralidade local, como se houvesse uma intenção do autor de torná-la tão agreste quanto é o ambiente que comporta o cenário da história, e, à semelhança dos personagens aí representados. Como aponta Belmira Magalhães, Graciliano se revela um romancista que “embrenhando-se pelas veredas secas do sertão nordestino, se torna capaz de contar a história dos países subdesenvolvidos” (MAGALHÃES, 2001, p. 13). A produção literária de Graciliano Ramos convida o leitor a pensar na possibilidade de outro projeto social, capaz de transformar a realidade, sem se tornar, contudo, mera propaganda político-partidária, o que não compromete a autonomia de sua obra e comprova a sua liberdade de pensamento.

*Sinha Vitória
e os desafios
de uma
mulher
nordestina*

63

Maria
Margarete
Souza
Campos
Costa

Sandra
Maria
Pereira do
Sacramento

64

A obra *Vidas secas* é uma ficção de Graciliano Ramos, cuja primeira publicação é datada em 1938. O romance é narrado em terceira pessoa, e, por vezes ocorre o cruzamento entre o discurso do narrador e as vozes das personagens, dilacerando as fronteiras entre um e outros. O livro está dividido em treze capítulos, cada um constituindo um texto em si, dando à citada narrativa o caráter de um livro de contos, que por sua vez, tenham sido escritos e publicados de forma avulsa e só depois organizados na forma de um romance. Entretanto, a ligação entre os capítulos é instituída pela temática retomada em cada uma dessas partes, estabelecendo o encadeamento necessário para que o texto seja uno. Ademais, análise da condição humana é um dos traços da universalidade da ficção de Graciliano Ramos. Conforme argumenta Carlos Nelson Coutinho:

A universalidade de Graciliano Ramos é uma universalidade concreta, ela se alimenta e vive da singularidade, da temporalidade social e histórica. O que lhe interessa não é a exemplificação, através da literatura, de teses e concepções apriorísticas: é a narração do destino de homens concretos, socialmente determinados, vivendo em uma realidade concreta. (COUTINHO, 1974, p. 73).

Essa preocupação com o destino determinado aos sujeitos em dada realidade, talvez tenha influenciado Graciliano Ramos, sobretudo, no que se refere à representação feminina. O autor traz a voz de uma mulher que problematiza questões relativas às margens, num tempo em que o feminino ainda não falava por si nem de si. Desse modo, a referida narrativa de Graciliano Ramos traz uma importante reflexão sobre a temática da resistência das mulheres. Essa questão também é flagrante em *São Bernardo*, outro livro do autor, que através da personagem feminina “Madalena”, convoca o leitor, da mesma forma, a pensar na difusão de novos paradigmas, na convivência entre os sujeitos.

A obra aqui analisada caracteriza-se ainda, através da

importância dada pelo autor ao meio físico e social, que tal como é representado nesse livro, constitui tanto universo capaz de aprisionar e aniquilar o homem, quanto de impulsioná-lo a buscar saídas. Um dos aspectos dominantes do romance é o questionamento ao latifúndio da década de 30 no Brasil, como também, o caráter psicológico na construção das personagens, que revela um irresistível desejo de desvendar o ser humano. Quanto ao desenho produzido pelo autor em *Vidas secas* sobre o sertão nordestino e a condição do sertanejo Duarte assinala:

*Sinha Vitória
e os desafios
de uma
mulher
nordestina*

65

Em Graciliano, o sertão não vira mar. É sempre o árido sertão de areias quentes e vegetação retorcida. As areias atrasam o passo de seus pobres viventes, a vegetação quase nenhuma sombra oferece aos retirantes de *Vidas secas*. Publicado em 1938, logo no primeiro momento do Estado Novo, o romance de Fabiano e Sinhá Vitória, traz o camponês nordestino em sua caminhada infrutífera em terra sempre alheia. (DUARTE, 2005, p. 30).

O realismo em *Vidas secas* é capaz de desencadear a perplexidade e indignação por meio da construção de imagens que evocam a exploração e subjugação do homem pelo próprio homem, confirmando assim, a perspectiva literária da geração de 30, pois, de acordo com Cândido:

Os anos 30 foram de engajamento político, religioso e social no campo da cultura. Mesmo os que não se definiam explicitamente, e até os que não tinham consciência clara do fato, manifestaram na sua obra esse tipo de inserção ideológica, que dá contorno especial à fisionomia do período. (CÂNDIDO, 2000, p. 182).

Em *Vidas secas* a natureza comanda o tempo, na sucessão de dias e noites, seca e chuva. Esse é o relógio que guia a vida Severina no trato com a terra e os bichos, naquelas paragens. Não havendo, portanto, nenhuma referência cronológica a ele. Da mesma forma acontece com o espaço, cujos limites não são definidos, não há menção a lugares específicos, contudo, durante

*Maria
Margarete
Souza
Campos
Costa*

*Sandra
Maria
Pereira do
Sacramento*

66

a narrativa, através das contingências vividas pelos personagens, são dadas as pistas de que eles transitam na paisagem seca do sertão nordestino. Conforme pode ser observado no fragmento a seguir:

Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. [...] haviam repousado bastante na areia do rio seco, [...] fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da catinga rala. (RAMOS, 2000, p. 9).

No primeiro capítulo do livro a família migra em busca de uma nova terra onde possam trabalhar e sobreviver. O êxodo de Fabiano e sua família era a única certeza que possuíam, eles eram eternos retirantes. A seca os empurrava cada vez mais para dentro da caatinga e os forçava a caminhar léguas e léguas sob o sol ardente. De resto nenhuma posse, a família nada tinha de seu, a não ser, algumas tralhas e utensílios, além de uns poucos farrapos de roupas encardidas.

Fabiano, o chefe daquela família, vivia de trabalhar em terras alheias. Eram terras do latifúndio, herança de antigos senhores de engenhos e/ou fazendeiros de gado de tradição patriarcal. A paisagem revelava que muitos desses latifúndios estavam, agora, decadentes, e outros foram abandonados por não resistirem ao clima inóspito, que secava a lavoura e matava o gado. Após caminharem por longo tempo sertão adentro, com tamanha precariedade de água e alimentação, encontraram pouso e trabalho numa fazenda. Segundo Neitzel:

O sertão impõe regras próprias de conduta àqueles que nele se propõem a viver, e os valores preservados nele, a constituição familiar, a distribuição geográfica das fazendas, a vegetação e o relevo, a economia pecuária, bem como o mandonismo dos latifundiários. (NEITZEL, 2004, p. 15).

A partir daí, os sucessivos episódios nos apresentam cada um dos membros dessa família e os sofrimentos por eles enfrentados naquela realidade opressora. A família era composta de quatro membros. Fabiano era o pai, sinhá Vitória a mãe, o menino mais velho e o menino mais novo, seus filhos. A eles estavam agregados ainda os animais de estimação: a cadela Baleia e o papagaio. Este último morreu logo no início da narrativa. Na escassez da caatinga foi preparado e servido como refeição para a família.

Fabiano era um homem sertanejo, vaqueiro de profissão, sem instrução e moldado pela aspereza da própria existência. Não obstante, a limitação discursiva, possuía a consciência da sua condição. A dimensão da falta de traquejo no trato com o outro é demonstrada, principalmente, no cotidiano familiar. Logo no primeiro capítulo temos uma amostra do comportamento de Fabiano em relação aos filhos. Um homem sem tolerância para com os pequenos:

O menino mais velho pôs-se a chorar, sentou-se no chão. - Anda, condenado do diabo, gritou-lhe o pai. Não obtendo resultado fustigou-o com a bainha da faca de ponta. Mas o pequeno esperneou acuado, depois sossegou, deitou-se, fechou os olhos. Fabiano ainda lhe deu algumas pancadas e esperou que ele se levantasse. Como isto não aconteceu, espiou os quatro cantos, zangado, praguejando baixo. [...] - Anda, excomungado. (RAMOS, 2000, p. 9-10).

Observa-se desse modo que Fabiano reproduzia nas crianças o mesmo jugo sofrido por ele nas relações de trabalho, nas quais se submetia a uma profunda servidão, quase na equivalência da relação entre o senhor e o escravo. Ademais, ainda respondia como chefe daquela família, sendo assim, deveria corresponder às normas do modelo patriarcal. A família compunha uma representação das relações sociais, com os seus respectivos mecanismos de opressão, entre os quais, estava o

poder do pai sobre os filhos. Sobre o patriarcado Badinter afirma:

*Maria
Margarete
Souza
Campos
Costa*

O patriarcado não designa apenas uma forma de família baseada no parentesco masculino e no poder paterno. O termo designa também toda estrutura social que nasça de um poder do pai. Numa organização como essa, o Príncipe da Cidade ou o chefe da tribo têm poder sobre os membros da coletividade quanto o pai sobre as pessoas de sua família. (BADINTER, 1986, p. 95).

*Sandra
Maria
Pereira do
Sacramento*

68

Fabiano não dispensava aos meninos nenhum tipo de afeto, pois entendia que tinha a responsabilidade de torná-los tão brutos quanto ele. Na opinião do vaqueiro só assim poderiam sobreviver na aspereza do sertão. A despeito de toda brutalidade, Fabiano era um homem trabalhador, possuía um caráter elevado e sentimentos nobres, embora tivesse dificuldade em demonstrá-los. Vivia absorvido pelas atribulações, na luta pela sobrevivência. Nas suas reflexões, ele se redescobria homem, ser pensante, porém não conseguia da mesma forma converter o pensamento em discurso. Sobre os homens em condições precárias de vida, Oliveira assinala:

Vivendo em condições de extrema precariedade e insegurança, tendo que se defender de perigos frequentes e incalculáveis, sem ter como assegurar sequer o presente, eles “não têm futuro” no sentido literal e metafórico do termo, já que futuro é o espaço dos projetos de vida que só os agentes das classes médias podem vislumbrar. (OLIVEIRA, 2004, p. 228).

A despeito disso, quando num acesso de cólera pensou em matar o menino mais velho ou abandoná-lo na estrada, num impulso voltou-se para a criança e vendo a sua fragilidade: “Aí a cólera desapareceu e Fabiano teve pena. Impossível abandonar o anjinho aos bichos do mato” (RAMOS, 2000, p. 10).

Apesar disso, Fabiano sentia-se melhor entre os animais, por vezes, com eles a sua sensibilidade aflorava, pois também se considerava um bicho, um exemplo disso era a reciprocidade

dos afagos entre ele e a cadela Baleia. O vaqueiro não precisava articular as palavras para fazer-se entendido pelos bichos. Para ele, nisso estava a grande vantagem em ser bicho. Em algumas passagens do romance Fabiano comportava-se à semelhança deles: “Cavou a areia com as unhas, esperou que a água marejasse e, debruçando-se no chão, bebeu muito. Saciado, caiu de papo pra cima” (RAMOS, 2000, p. 14). Fabiano se orgulhava por sentir-se parecido com um bicho. Para o vaqueiro, ser bicho era condição essencial para a sua sobrevivência naquele arranjo social. Chegava a repetir para si mesmo: “- Você é um bicho Fabiano. [...] – Um bicho” (RAMOS, 2000, p. 18). Considerava-se resistente e forte como um bicho, capaz de vencer grandes adversidades, coisa que no seu entender, sendo homem acostumado às palavras, como seu Tomás da Bolandeira, seu ex- patrão, não conseguiria:

Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e na sentiam a quentura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. A pé, não se aguentava bem. Pendia para um lado, para o outro lado, cambaio, torto e feio. Às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos – exclamações, onomatopeias. (RAMOS, 2000, p. 19-20).

As palavras eram danosas para Fabiano. Ele se interessava por elas, porém, na condição de analfabeto não conseguia dominar-lhes os sentidos nem a escrita. “Com a ausência de um pensamento articulado, o personagem via-se limitado ao grunhido e à humilhação que marcavam o cotidiano do homem analfabeto e sem horizontes” (DUARTE, 2005, p. 30). As palavras difíceis eram as mais admiradas pelo vaqueiro. Ficava a repeti-las, sem, contudo, apreendê-las. Assim, sempre fracassava na luta com o orbe da linguagem. As palavras estavam sob o domínio de

*Maria
Margarete
Souza
Campos
Costa*

*Sandra
Maria
Pereira do
Sacramento*

70

homens sábios como o seu Tomás da Bolandeira. Um homem afeito às letras, que em algumas ocasiões Fabiano desejava imitar. Mas, ao mesmo tempo, ele refletia sobre a inaptidão desse homem letrado e portador de ciência. Seu Tomás tinha domínio sobre as palavras e agia por outros meios, porém, seus conhecimentos eram suplantados pela sordidez do sertão. Fabiano entendia a sabedoria de seu ex-patrão, no melhor sentido do termo, como algo inadequado às leis e à cultura do ambiente agreste onde vivia. As atribulações do sertão aniquilavam aqueles que não conseguiam adaptar-se a ele. Era nesse sentido que o vaqueiro referia-se ao seu Tomás da bolandeira:

Ele, Fabiano, muitas vezes dissera: - “Quando a desgraça chegar, seu Tomás se estrepa, igualzinho aos outros.” Pois viera a seca, e o pobre do velho tão bom e tão lido, perdera tudo, andava por aí, mole. Talvez já tivesse dado o couro às varas, que pessoa como ele não podia aguentar verão puxado. [...] Seu Tomás da bolandeira falava bem, estragava os olhos em cima de jornais e livros, mas não sabia mandar: pedia. Esquisitice um homem remediado ser cortês. Até o povo censurava aquelas maneiras. Mas todos obedeciam a ele. Ah! Quem disse que não obedecia. (RAMOS, 2000, p. 22).

Seu Tomás não confirmava os comportamentos considerados padrões, e, normalmente assimilados pelo homem do sertão que refletia o discurso falocêntrico da força e da violência. Era um homem gentil, se fazia entender pela delicadeza e não pelo grito. Tal comportamento causava estranheza às pessoas do lugar que estavam acostumadas às relações de dominação, onde o mais forte subjugava o mais fraco. Apesar do estranhamento causado pela diferença em sua maneira de agir, seu Tomás despertava no vaqueiro grande admiração e respeito, evocando, mais uma vez, que a brutalidade de Fabiano não o impedia de ratificar a sua humanidade. O vaqueiro assemelhava-se assim, aos contrastes do próprio sertão, transitando entre a brutalidade e o sensível. Conforme Neitzel:

Algumas dessas criaturas seguem a regra da violência no sertão, outras fogem disso, estabelecendo um universo exuberante e fecundo. Dessa forma, o sertão torna-se não o lugar de uma única realidade, mas de um signo múltiplo, do diverso, de viveres divergentes uns dos outros. Se o “sertão é o mundo” como tal, é o lugar do movimento, de contextualizações variadas, mundo original cheio de contrastes, modelo do universo. (NEITZEL, 2004, p. 113).

Além do mais, Fabiano comparava a linguagem de seu Tomás com os modos de seu atual patrão que ao contrário daquele, fazia da linguagem expressão de grande violência. Só falava com o empregado no grito. Esbravejava e punha defeito em todo o serviço que ele realizava na fazenda. Direccionava também ao vaqueiro uma série de insultos, que cabisbaixo, e atrofiado em sua limitação discursiva pela carência de conhecimento, ainda se desculpava e dizia com frases inaudíveis que ia consertar tudo o que já havia feito. Assumindo assim, uma condição de total sujeição em relação ao patrão. Consoante a isso Derrida aponta:

A linguagem não-violenta seria, no limite, uma linguagem que se privasse do verbo *ser*; isto é, de toda predicação. A predicação é a primeira violência. Porque o verbo *ser* e o ato predicativo estão implicados em todos os outros verbos e em cada substantivo, a linguagem-não-violenta seria, no limite, uma linguagem de pura invocação, de adoração, proferiria apenas nomes próprios para invocar o outro desde longe. (DERRIDA, 2002, p. 189).

A deficiência comunicativa de Fabiano ampliava sobremodo a problemática da sua subalternidade nas relações sociais. Pois não conseguia converter em linguagem a sua consciência das coisas. Quer fosse com o patrão, quer fosse com as outras pessoas. Essa impossibilidade de Fabiano com a linguagem o desqualificava como homem, pois deste modo, não sancionava o *status quo*. Posto que, sendo o chefe de uma família caberia a ele também, ser o seu porta-voz, ou seja, ser o detentor do discurso, conforme estabeleciam os preceitos culturais. Ali

*Sinha Vitória
e os desafios
de uma
mulher
nordestina*

71

Maria
Margarete
Souza
Campos
Costa

Sandra
Maria
Pereira do
Sacramento

72

residia a sua grande fraqueza. Diante da linguagem de outros, principalmente das pessoas da cidade, sentia-se sempre fragilizado e deslocado. As palavras causavam-lhe desconfiança. Elas representavam um perigo para aquele sertanejo, desencadeando nele grande conflito. Sentia-se acuado diante delas e não lhe ocorrendo saída, silenciava. Havia nesse sentido um comprometimento, sobretudo, da identidade masculina vigente, que, em *Vidas secas* evidenciava a decadência da tradição patriarcal, tendo em vista, que Fabiano não possuía a competência discursiva. Este passava assim, da condição de dominador para dominado. Por conseguinte, Judith Butler defende a forma como se deve entender a dominação por meio da linguagem:

Devemos entender a dominação como a negação da unidade anterior e primária de todas as pessoas num ser pré-linguístico. A dominação ocorre por meio de uma linguagem que, em sua ação social plástica, cria uma ontologia artificial de segunda ordem, uma ilusão de diferença e disparidade, e conseqüentemente, uma hierarquia que se transforma em realidade social. (BUTLER, 2008, p. 171).

Posto que a personagem masculina assumisse tradicionalmente a representação da mobilidade, pois era Fabiano que circulava entre o espaço privado e o público. Realizava as diversas empreitadas, próprias das suas vivências de vaqueiro. Recebia pagamento, ainda que mísero, para garantir a subsistência da família, conforme determinava a estrutura patriarcal. Por outro lado, era imobilizado por não saber lidar com as palavras, e sendo assim, não conseguia usá-las, enquanto mecanismo de defesa contra os abusos daqueles, que se arrogavam de toda ordem de poder para subjugá-lo. A ignorância fazia com que Fabiano incorporasse a herança dos seus antepassados e não conseguisse interferir ou menos ainda, ver possibilidade de ir além daquela realidade.

A cabeça inclinada, o espinhaço curvo, agitava os braços para a direita e para a esquerda. Esses movimentos eram inúteis, mas o vaqueiro, o pai do vaqueiro, o avô e outros antepassados mais antigos haviam-se acostumado a percorrer veredas, afastando o mato com as mãos. E os filhos já começavam a reproduzir o gesto hereditário. (RAMOS, 2000, p. 17).

A dificuldade de Fabiano em se relacionar socialmente foi ainda mais explicitada, quando o vaqueiro foi até a feira da cidade comprar mantimentos e lá se envolveu em um jogo de cartas com um soldado. Fabiano aceitou o convite em respeito ao fato dele ser uma autoridade, todavia acabou perdendo o dinheiro no jogo. Ao se dar conta do prejuízo, o vaqueiro foi embora chateado, sem dar satisfações. O soldado gritou para que Fabiano voltasse como não obteve resposta, sentiu-se ofendido, pois na qualidade de representante da lei acreditava ter sido desrespeitado. Sobre a imposição de poder Celecina Veras Salles nos diz que:

A violência como imposição do poder se expressa através da relação entre dominantes e dominados, restringindo os direitos individuais ou coletivos de um determinado grupo social. Nos momentos de conflito, a dominação é mais violenta e por isso se torna mais visível. (SALLES, C., 1999, p. 202).

O vaqueiro andava meio tonto, pois havia consumido uma aguardente. Quando pegou o caminho para casa já estava escurecendo. Ia matutando em suas ideias como contar à mulher sobre a perda do dinheiro. Sem que este percebesse, o soldado o seguia e de supetão com empurrões e insultos deu voz de prisão ao vaqueiro em plena praça. Fabiano não compreendia aquela situação, retrucava que era um homem honesto e não merecia tal constrangimento público. A praça era uma metáfora das diversas representações de poder. Algumas autoridades como o juiz, o padre, o cobrador de impostos e demais curiosos testemunhavam o fato. Outros soldados foram chamados. Levaram Fabiano preso, e, como se não bastasse ainda lhe deram uma surra antes de jogá-

*Sinha Vitória
e os desafios
de uma
mulher
nordestina*

73

*Maria
Margarete
Souza
Campos
Costa*

*Sandra
Maria
Pereira do
Sacramento*

lo na cela. O vaqueiro não via motivos para ser preso, estava sendo vítima de abuso de poder, ele que já fora tão injustiçado e já sofrera tanta violência. Mais uma vez, o vaqueiro não conseguia explicar-se. A falta de instrução de Fabiano determinava as condutas sociais relativas a ele. Segundo Oliveira:

A falta de instrução, de capital escolar e cultural, a falta de oportunidades de usar o intelecto, restringe drasticamente o número de funções sociais que os agentes economicamente desafortunados podem desempenhar. Por sua vez, a falta de recursos econômicos e culturais condena os pobres a uma exclusão das redes de interação mais ampliadas. (OLIVEIRA, 2004, p. 230).

74

Desse modo, os questionamentos de Fabiano evidenciavam o desejo de ter a compreensão do funcionamento das relações sociais e da posição que ele ocupava naquela conjuntura, onde o mais fraco era desprovido de qualquer direito e os detentores do poder perpetuavam todas as formas de exploração. “Era bruto, sim senhor, nunca havia aprendido, não sabia explicar-se. Estava preso por isso? Como era? Então mete-se um homem na cadeia porque ele não sabe falar direito? Que mal fazia a sua brutalidade? [...] Tinha culpa de ser bruto? Quem tinha culpa?” (RAMOS, 2000, p. 36).

Fabiano reconhecia que ele não existia para aquela sociedade. A sua ignorância era a razão do seu infortúnio, embora tivesse valor. Sabia que se fosse um homem estudado como seu Tomás da bolandeira, teria conhecimento. Assim, poderia defender-se e não estaria numa cela ao lado de outros desvalidos com os quais dividiam a cadeia naquela noite: o bêbado, a rapariga... A narrativa de Graciliano levanta também o questionamento de que “cadeia é só para pobre”. O assujeitamento de Fabiano traduzia a sua incapacidade de mudar a sua realidade. Na caatinga ele era forte como um bicho, mas nas relações com os seus semelhantes era um fraco e deveria se acostumar com a sua incapacidade diante das vozes do poder,

pois naquele latifúndio que era o sertão, o seu significado resumia-se à força de trabalho, equivalente a um animal de carga. Era um homem decadente e sem voz, que caminhava sem rumo e sem perspectiva de mudança.

2 Sonho, discurso e desconstrução de Sinhá Vitória

Em *Vidas secas*, Graciliano Ramos surpreende sobremaneira com a construção da personagem feminina, que sob o nome de Vitória do Latim *Victoria*, “aquela que vence” encarna uma personalidade de luta pela sobrevivência. Na mitologia romana era a personificação da deusa da Vitória, que exercia um papel fundamental naquela sociedade, cujo significado equivalia à conquista e ao triunfo. Vitória era cultuada principalmente, pelos generais. Estes se sentiam agraciados pela deusa ao obter vitórias nas guerras (MACHADO, 2003). Observa-se assim, que, na Antiga Roma, um dos berços do falocentrismo, homens, representantes do alto escalão do poderoso exército romano, dobravam-se e adoravam um arquétipo feminino, ao qual atribuíam as batalhas vencidas.

Respectivamente, Sinhá Vitória também, numa sociedade predominantemente patriarcal, era portadora do poder decisório no seu núcleo familiar, pois Fabiano, o seu marido a considerava detentora do conhecimento que nele era uma falta, consolidando assim, uma fragmentação na ordem falocêntrica, pois a condição de gênero de Fabiano divergia da sua atuação social, tendo em vista que no espaço público ele estava sempre desarticulado. Na visão de Butler:

As divergências e as fragmentações são necessárias à democratização das lutas e as identidades fixas são vazias de significados. [...] tanto sexo como gênero são construções discursivas determinadas por interesses sociais e políticos que se baseiam em normas culturais para regulamentá-las. (BUTLER, 2007, p. 10).

*Sinha Vitória
e os desafios
de uma
mulher
nordestina*

75

Maria
Margarete
Souza
Campos
Costa

Sandra
Maria
Pereira do
Sacramento

76

Percebe-se de antemão quão bem calculado foi a escolha desse nome pelo autor, principalmente ao combiná-lo com o pronome de tratamento “sinhá”, usado, normalmente, para nomear mulheres, casadas, das classes menos abastadas no sertão nordestino. O pronome consistia numa forma respeitosa de tratamento, e na variação de “sinhá”, termo inicialmente empregado na sociedade escravagista para se referir às mulheres da classe dominante. Sendo assim, através do nome, sinhá Vitória evoca, ao mesmo tempo, a condição social da personagem como também o poder por ela exercido naquele clã, apesar da sua condição de miserável. Belmira Magalhães sobre o nome da personagem feminina em *Vidas secas* aponta:

A personagem feminina é nomeada com a conjunção do nome próprio Vitória e o pronome de tratamento sinhá; de tal forma é a combinação desses dois léxicos, que um não tem sentido sem o outro na nomeação da personagem, isto é, não há uma sinhá, nem uma Vitória, mas uma mulher cuja denominação é sinhá Vitória. O pronome de tratamento *sinhá* aparece, no cotidiano brasileiro, para designar as mulheres ligadas ao poder econômico no universo rural. São as esposas dos proprietários de terra, a que os escravos se referem como sinhá [...] Com a abolição da escravatura e o posterior desenvolvimento das relações de trabalho capitalistas, o termo sinhá adquire uma corruptela que designa as mulheres casadas, pobres, mas que merecem respeito. (MAGALHÃES, 2001, p. 120).

Sinhá Vitória permite que o sertão seja apresentado pelo olhar de uma mulher. Numa época e lugar, onde tradições pautadas na desigualdade e na opressão balizavam as relações sociais, transmitidas de uma geração a outra. A personagem feminina poderia configurar um ser frágil, entregue às contingências daquele contexto, pois sinhá Vitória vivia em condições sub-humanas com a família. Era uma retirante de destino incerto que corria o sertão, acompanhando o marido e arrastando os filhos. Entretanto, apresentava-se como uma mulher forte, movida por sonhos. De acordo com Falci:

O isolamento do sertão, as condições locais de povoamento, as condições ambientais de clima e a formação de uma sociedade patriarcal altamente estratificada influenciaram nas especificidades das mulheres do sertão. Lugares diferentes, historicidades específicas podem conduzir a outros signos, outras representações do mundo feminino. (FALCI, 1997, p. 259).

A personagem feminina acreditava poder suplantar aquela realidade. O sonho era a perspectiva de Vitória para evadir daquele agreste sertão. A sua capacidade de sonhar, oportunizava-lhe adentrar no universo do imaginável, além disso, tornava possível vislumbrar mecanismos para a realização dos seus desejos. Os sonhos alargavam-lhe os espaços fazendo-a mover-se no sentido da superação das limitações em que vivia e das convenções que as sustentavam. Vitória acreditava em poder encontrar meios para transformar a sua vida e a vida da sua família. Não conseguia resumir a sua existência às duras penas que passava no sertão, nem às suas opressivas leis. Ao contrário do seu marido Fabiano, sinhá Vitoria não se sentia plantada ali, nem se convenciam de que os seus filhos estivessem predestinados a se vitimarem naquela miséria. Para Vitória literalmente “o sonho era o limite”. Possuidora de uma lucidez incomum, especialmente no que se referia a julgar o mundo e as pessoas. Sempre dizia a coisa certa. Mas, por vezes, abandonava-se a imaginar outras formas de viver. Nesse sentido, Bachelard destaca os pré-requisitos do ato de imaginar:

De um modo geral, é preciso recensar todos os desejos de abandonar o que se vê e o que se diz em favor do que se imagina. Assim teremos a oportunidade de desenvolver à imaginação seu poder de sedução. Pela imaginação abandonamos o curso ordinário das coisas. Perceber e imaginar são tão antitéticos quanto presença e ausência. Imaginar é ausentar-se, é lançar-se a uma vida nova. (BACHELARD, 1990, p. 3).

Para alimentar os sonhos, sinhá Vitória recorria à memória, buscando reconstruir imagens de dias melhores que vivera no

*Sinha Vitória
e os desafios
de uma
mulher
nordestina*

77

Maria
Margarete
Souza
Campos
Costa

Sandra
Maria
Pereira do
Sacramento

78

passado. Diferentemente daqueles, em que juntamente com os filhos e o marido só tinham raiz de imbu e semente de mucumã para saciar a fome nas andanças pelo sertão. Nesses tempos de seca, a mulher caminhava léguas e léguas carregando trouxas e tralhas na cabeça, além da criança mais nova escanchada no quadril. O mundo imaginário sustentava os sonhos de sinhá Vitória. Para Cléria Botelho Costa é a própria realidade que dá existência ao sonho, sendo assim, a escassez era a diástase para o sonhar dessa mulher sertaneja:

Sob o ângulo daquele que cria, o sonho encontra sua fonte na experiência cotidiana, nos acontecimentos vividos. Pelo fato de estes sonhos serem construídos levando em conta a vivência cotidiana dos sujeitos, os modos de vida, as estruturas sociais coletivas, eles tornam-se reais e, portanto, fica cada vez mais difícil a demarcação entre ficção e realidade, entre verdade e mentira, real e imaginário. Deu-se existência ao que existe somente no meu espírito e não é apreendido pelos outros, falo no deserto. Contudo, quando minha fala dá existência aos modos de vida, aos clamores da sociedade, aos fazeres dos homens e, conseqüentemente, tem significado para os demais sujeitos da sociedade, sonho e realidade misturam-se. (COSTA, 1997, p. 135).

Um sonho que motivava a imaginação da personagem feminina de *Vidas secas* era poder possuir uma cama de lastro de couro, igual à de seu Tomás da Bolandeira, para ter um pouco de conforto na hora do descanso. “Para a vida ser boa, só faltava à sinhá Vitória uma cama igual à de seu Tomás da bolandeira. Suspirou, pensando na cama de varas em que dormia” (RAMOS, 2000, p. 82). Este sonho possuía uma dimensão muito maior na vida de sinhá Vitória. Ao mesmo tempo em que era um pretexto para a personagem não perder de vista os seus objetivos, consistia também, numa metáfora de todas as mudanças que ela pensava em realizar. Pois no seu sonho não cabia só a cama de lastro de couro, mas, uma vida melhor para seus filhos, com escola e outras oportunidades. Ademais, em suas reflexões, Fabiano e ela encontrariam outras formas de trabalho. Sinhá Vitória sonhava

em romper com aquele ciclo de miséria que se repetia por gerações de nordestinos. Só tinham direito a um pedaço de terra quando morriam. Aquele medido a palmos e que servia de sepultura. Normalmente, em terra alheia. Sobre a ação das mulheres para a superação da miséria Perrot faz a seguinte assertiva:

A pesquisa feminista recente, por vezes contribui para essa reavaliação do poder das mulheres em sua vontade de superar o discurso miserabilista, da opressão, de subverter o ponto de vista da dominação, ela procura mostrar a presença, a ação das mulheres, a plenitude dos seus papéis, e mesmo a coerência de sua cultura e a existência de seus poderes. (PERROT, 1992, p. 169-170).

*Sinha Vitória
e os desafios
de uma
mulher
nordestina*

79

Embora a personagem feminina, do referido texto de Ramos, esteja situada no início do século XX, na região Nordeste do Brasil, e não possua uma consciência de luta, insurge como uma mulher forte que subverte a ordem dominante. Por meio dos mecanismos dessa mesma ordem, a referida personagem consegue deslocar o patriarcalismo, que apesar de decadente, ainda tinha os seus valores mantidos. Conseqüentemente, ao se posicionar questionando a sua realidade, anuncia o seu lugar de fala contra toda a trajetória de silêncio imposta ao feminino. Sobre a história de silêncio das mulheres Menezes afirma:

A violência da história de silêncio de muitas “severinas” foi a certeza de que a memória é revolucionária e de que uma geração hoje vive os frutos dessa revolução que atordoa e incomoda [...]. Precisamos dialogar com seu tempo, resgatar a história não contada, não apenas para recontá-la, mas para mostrar que ela pode adquirir outro sentido. (MENEZES, 2002, p. 22).

Apesar de levar uma vida nômade, em profunda pobreza, sinhá Vitória possuía uma natureza reflexiva e crítica da realidade, que possibilitava a ela perceber o funcionamento das relações de poder. Era caracterizada, sobretudo, por possuir uma espécie de altivez. Acreditava na possibilidade de um futuro mais digno a

*Maria
Margarete
Souza
Campos
Costa*

*Sandra
Maria
Pereira do
Sacramento*

80

ponto de contagiar e influenciar nas decisões do marido, confirmando assim as formulações de Julieta Kirkwood sobre o poder:

O poder não é, o poder se exerce. E se exerce em atos, em linguagem. Não é uma essência. Ninguém pode tomar o poder e guardá-lo em uma caixa forte. Conservar o poder não é mantê-lo escondido, nem preservá-lo de elementos estranhos, é exercê-lo continuamente, é transformá-lo em atos repetidos ou simultâneos de fazer, e de fazer com que outros façam ou pensem. Tomar-se o poder é tomar-se a ideia e o ato. (KIRKWOOD, 1986, p. 202-203, tradução nossa).

A personagem não se contentava com a lógica excludente que submetia os sujeitos a uma condição de total desamparo, da qual ela, o marido e os filhos eram vítimas. Viviam como animais desagregados e sem lugar. O espaço urbano era para Vitória a terra prometida, lá poderia educar os filhos, trabalhar, viver como gente.

Alijada da sociedade e submetida juntamente com a família a toda sorte de exploração, enfrentava vicissitudes em sua flagelada trajetória. Não obstante, sinhá Vitória fosse pouco instruída, esta possuía a competência da enunciação, da qual o marido era totalmente desprovido, em consequência da sua condição de analfabeto. O que o deixava sempre atônito ante as inferências da mulher: “Como tinha sinhá Vitória descoberto aquilo? Difícil. Ele, Fabiano, espremendo os miolos não diria semelhante frase” (RAMOS, 2000, p. 113). Sinhá Vitória conseguia desenvolver cálculos matemáticos que comprovavam a desonestidade do patrão no acerto das contas com o seu marido Fabiano, concernentes à produção da fazenda.

Sinhá Vitória fazia contas direito: sentava-se na cozinha, consultava montes de sementes de várias espécies, correspondentes a mil-réis, tostões e vinténs. E acertava. As contas do patrão eram diferentes, arranjadas a tinta e contra o vaqueiro, mas Fabiano sabia que elas estavam erradas e o patrão queria enganá-lo. (RAMOS, 2000, p. 113).

Fabiano aceitou os cálculos da mulher. Entretanto, ao questionar as contas diante do patrão, recebeu dele uma ameaça de despejo, pois vivia a cultivar terras de latifúndio na luta pela sobrevivência. Sentindo-se acuado e sem ver solução, negligenciou a inteligência de sinhá Vitória, acatando os cálculos feitos pelo dono da fazenda. Embora, tivesse ciência de que, com isso, tornava-se cada vez mais endividado e sob o jugo daquele senhor. Continuará trabalhando como escravo sem ter lucro algum. O fato de saber que sinhá Vitória estava certa gerou em seu interior grande conflito. Fabiano não dispunha de forças para enfrentar o patrão. Silenciou, também, a mulher, que ainda assim, contrariando o falocentrismo, era a porta-voz da família, pois era ela quem melhor articulava a linguagem. Nessa direção, Perrot defende os poderes informais das mulheres:

São os poderes informais das mulheres que controlam de fato a parte mais importante dos recursos e das decisões; nessas condições, a perpetuação do “mito” do poder masculino serve aos interesses dos dois “gêneros”; por trás da ficção desse poder, as mulheres podem desenvolver à vontade suas próprias estratégias. (PERROT, 1992, p. 171).

O silêncio de Fabiano diante do patrão evocava mais uma vez a decadência do patriarcalismo. O marido dependia da opinião da esposa para tomar qualquer decisão, era nela que ele pensava, ao enfrentar todas as dificuldades do viver. “Precisava consultar sinhá Vitória, combinar a viagem, livrar-se das arribações, explicar-se, convencer-se de que não praticara injustiça matando a cachorra. Necessário abandonar aqueles lugares amaldiçoados. Sinhá Vitória pensaria como ele” (RAMOS, 2000, p. 115). Para

*Sinha Vitória
e os desafios
de uma
mulher
nordestina*

81

*Maria
Margarete
Souza
Campos
Costa*

*Sandra
Maria
Pereira do
Sacramento*

82

ele, a companheira sempre tinha uma solução, uma resposta para suas inquietações, atribuía à sinhá Vitória a autoridade que por imposição dos valores androcêntricos, deveria ser exercida por ele, na condição de homem da família. Segundo Bourdieu:

É preciso realmente perguntar-se quais são os mecanismos históricos que são responsáveis pela des-historicização e pela eternização das estruturas da divisão sexual e dos princípios de divisão correspondentes. Colocar o problema nesses termos é marcar um progresso na ordem do conhecimento que pode estar no princípio de um progresso decisivo na ordem da ação. Lembrar que aquilo que, na história, aparece como eterno não é mais que o produto de um trabalho de eternização que compete a instituições interligadas tais como a família, a igreja, a escola [...], é reinserir na história e, portanto, devolver à ação histórica, a relação entre os sexos que a visão naturalista e essencialista dela arranca (e não, como quiseram me fazer dizer, tentar parar a história e retirar às mulheres seu papel de agentes históricos). (BOURDIEU, 1999, p. 5).

A capacidade de sonhar da personagem sinhá Vitória, permitia a esta romper com o círculo em que vivia e a distanciava dos outros membros da família que se sentiam animalizados pela miséria, enquanto ela se negava a desvincular-se da sua humanidade: “Sinhá Vitória combateu a dúvida. Por que não haveriam de ser gente, possuir uma cama igual à de seu Tomás da bolandeira?” (RAMOS, 2000, p. 121). O sonho de sinhá Vitória possibilitava outras perspectivas de vida. Além disso, a personagem representa a indignação ante a miséria e a negligência daqueles que exercem os poderes nas diversas estâncias da sociedade.

Embora Fabiano mantivesse a sua posição de provedor da família, sinhá Vitória, por sua vez, liderava na administração da casa e na tomada de decisões. A sua capacidade de reflexão e enunciação confirmava-se tanto na forma como conduzia o grupo, quanto no modo como buscava solucionar as adversidades enfrentadas pela família. Aquele cenário inóspito dava a ela essa

autoridade. Segundo Bhabha (2003), “O processo enunciativo introduz uma quebra no presente performativo da identificação cultural, uma quebra entre a exigência culturalista tradicional de um modelo, uma tradição, uma comunidade, um sistema estável de referência” (BHABHA, 2003, p. 64).

Na citada narrativa de Graciliano Ramos observa-se a quebra do discurso tradicional através da personagem feminina. Esta assume a fala e exprime em linguagem a alocação cujo marido, na posição de dominante, não consegue dizer. A competência discursiva de sinhá Vitória rompe com as preleções de supremacia masculina, que por muito tempo, foram certificadas através da ciência e da religião. Tais conceitos, consolidados nas práticas sociais excludentes, determinaram como verdadeiras a sujeição e a invisibilidade das mulheres, enquanto sujeitos da história. Para Nelly Richard a enunciação permite a um sujeito interpelar os códigos dominantes:

Em sua dimensão teórico-política, a “experiência” sublinha a localização crítica de um sujeito que interpela os códigos dominantes, a partir de um lugar de enunciação sempre específico, materialmente situado, e designa processos de atuação que dotam seu sujeito de mobilidade operatória, para produzir identidade ou diferença com respostas a certas conjunturas de poder. (RICHARD, 2002, p. 145-146).

No romance *Vidas secas*, essas construções discursivas revelam as inúmeras fragmentações realizadas pela personagem sinhá Vitória que interpela os códigos dominantes do seu tempo, e, intervém, ao seu modo, na ordem masculinista. Por conseguinte, a personagem feminina comporta-se: transgredindo normas, assumindo a posição de líder e mobilizando o seu grupo familiar. Ao mesmo tempo, essa mulher nordestina provoca descentramentos no espaço restrito do doméstico, como se já vislumbrasse, de alguma forma, as mobilizações feministas do porvir, que alterariam, sobremodo, as relações entre os gêneros,

Maria
Margarete
Souza
Campos
Costa

Sandra
Maria
Pereira do
Sacramento

84

sem, contudo, encerrar todas as demandas pertinentes às diversas formas de desigualdades.

Vale observar também, quão relevante é o caráter transgressor da escrita de Graciliano, no que se refere às normas do seu tempo. Época esta, na qual a voz dominante era masculina, entretanto, o autor dá a competência discursiva a uma personagem feminina.

Considerações Finais

Necessário se faz as discussões em torno das questões referentes às relações de gênero, com a finalidade de minar as desigualdades que permanecem ditando normas de comportamento, reproduzindo preconceitos e intolerância. Do mesmo modo são necessários os projetos de luta pelo respeito às diferenças. Os debates e construções em torno das relações de gênero tentam ultrapassar os discursos que enfatizam a fixidez de papéis e lugares sociais, determinados pelos aspectos físicos e/ou sexuais do ser mulher e do ser homem.

Os valores androcêntricos, ao longo de séculos, estabeleceram as relações de poder nas práticas cotidianas, imprimindo significados dicotômicos ao feminino e ao masculino, que de forma reconfigurada ainda persistem. Tais valores podem ser observados principalmente nos altos índices de violência praticados contra as mulheres, seja no nível simbólico ou no nível físico. Apesar das mudanças alcançadas resultantes das lutas feministas e da capacidade de resistência desses sujeitos, eles jazem. A permanência dos conceitos masculinistas exige uma reavaliação do processo histórico e necessita de novos olhares, numa perspectiva que seja capaz de contemplar as diferentes minorias.

Sendo assim, *Vidas secas* compõe importante objeto de análise e reflexão, acerca das demandas que envolvem a

representação das mulheres ao longo da história, com vistas à superação dos conflitos, decorrentes das tentativas de se estabelecer a subalternidade feminina com a alegação da sua inferioridade. Os discursos das margens assumem a condição de emergência na contemporaneidade, visando romper com esse espectro hierárquico entre os sujeitos. Nesse contexto, os estudos de gênero têm um importante papel para a formulação de novas perspectivas sociais e históricas, capazes de possibilitar outro imaginário do feminino e do masculino.

*Sinha Vitória
e os desafios
de uma
mulher
nordestina*

**Sinha Victory and the challenges of a woman *in Northeastern
Brazil***

85

Abstract: Our analytic focus is the masculinist order decay in Graciliano Ramos's novel *Barren Lives* (1938). Such decay is marked by Fabiano's difficulty of enunciation. We draw a profile from the Northeastern Brazilian woman through the analysis of the representation of character Sinhá Vitória and of the strategies deployed by her to survive the oppression and misery to which she and her family are subjected. Furthermore, we emphasize the deconstruction of gender relations, as visible through Vitória's discursive competence, which allows her to act as a spokesperson for her family group, in spite of the predominantly phallogocentric social environment in which she lives.

Keywords: Discursive competence. Gender. Sinhá Vitória. *Barren Lives*.

Referências

ÁLVARES, Maria Luzia Miranda; SANTOS, Eunice Ferreira dos (Org.). *Olhares & diversidades: os estudos sobre gênero no Norte e Nordeste*. Belém, 1999.

BACHELARD, Gaston. *O ar e os sonhos*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BADINTER, Elisabeth. *Um é o outro: relações entre homens e mulheres*. Trad. Carlota Gomes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana

Maria
Margarete
Souza
Campos
Costa

Sandra
Maria
Pereira do
Sacramento

86

Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1999.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: Pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

CÂNDIDO, Antonio. A revolução de 1930 e a cultura. *Novos estudos*, v. 2, n. 4, p. 27- 36, São Paulo, abr. 1984.

CÂNDIDO, Antonio. *A educação pela noite*. São Paulo: Ática, 2000.

COSTA, Cléria Botelho. Uma história sonhada. *Revista Brasileira de História*, v. 17, n. 34, p. 133-145, São Paulo, 1997.

COUTINHO, Carlos Nelson et al. *Realismo e anti-realismo na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

DERRIDA, J. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura, Política, identidades: ensaios*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2005.

FALCI, Miridan Knox. Mulheres do sertão nordestino. In: DEL PRIORE, Mary (org.).

História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 1997, p. 241-277.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria,*

ficção. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

KIRKWOOD, Julieta. *Ser política en Chile: las feministas y los partidos políticos*. Santiago: Flacso, 1986.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário onomástico da língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 2003.

MAGALHÃES, Belmira. *Vidas secas: os desejos de sinha Vitória*. Curitiba: HD livros editora, 2001.

MENEZES, Magali Mendes de. Da academia da razão à academia do corpo. In: TIBURI, Márcia; MENEZES, Magali de; EGGERT, Edla (Org.). *As mulheres e a filosofia*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2002.

NEITZEL, Adair de Aguiar. *Mulheres rosianas: percursos pelo grande sertão: veredas*. Florianópolis: UNIVALE Editora, 2004.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. *A construção social da masculinidade*. Rio de Janeiro: IUPERJI, 2004.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Trad. Denise Bottman. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1992.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2000.

RICHARD, Nelly. *Intervenções críticas: arte, cultura, gênero e política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

SALES, Celecina Veras. Gênero e conflito de terra: notas sobre a dinâmica da violência no campo. In: ÁLVARES, Maria Luzia Miranda; SANTOS, Eunice Ferreira dos (Org.). *Olhares & diversidades: os estudos sobre gênero no Norte e Nordeste*. Belém: GEPEN/REDOR, 1999.

SANTAELLA, Lúcia. *(Arte) & (cultura): equívocos do elitismo*. São Paulo: Cortez, 1995.

TIBURI, Márcia; MENEZES, Magali de; EGGERT, Edla (Org.). *As mulheres e a filosofia*. São Leopoldo: Unisinos, 2002.

*Sinha Vitória
e os desafios
de uma
mulher
nordestina*

87